

INSTITUTO



SOCIOAMBIENTAL

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL

data 26 / 01 / 99

cod. P2D00107

Relatório sobre retirada ilegal de madeira e invasão da Área Indígena Panará

André Villas Boas
Stephan Schwartzman
Instituto Socioambiental (ISA)

São José do Xingu, MT, 11/09/96

Em 06/09, fomos informados, via rádio, pelo chefe do posto indígena Nansepotiti, Osanam que os homens Panará haviam saído numa expedição para localizar e enfrentar invasores da Al Panará, identificados pelo barulho das máquinas que os Panará tinham escutado. O chefe do posto nos solicitou que transmitíssemos a informação ao administrador da ADR Colíder, Megaron. Isso não foi possível pois o telefone da ADR estava cortado.

Quando os Panará chegaram na aldeia, passaram outro rádio solicitando nossa presença na aldeia. Fizemos contato com Megaron e combinamos um encontro na aldeia. Quando nos deslocamos, em 10/09, nosso voo atrasou e desencontramos do Megaron, que tinha saído da aldeia Panará quando chegamos.

Os fatos relatados pelos Panará durante a discussão na aldeia são os que seguem:

Por volta de 01/09, os índios escutaram barulho de maquinaria pesada trabalhando nas redondezas da aldeia, no sentido nordeste. Sairam da aldeia no dia seguinte, a remo, descendo o rio. Dormiram duas noites no caminho, chegando numa estrada dos madeireiros no dia 4, quarta-feira. Seguiram a estrada e encontraram dois tratores e um caminhão, com oito a dez homens, mais várias toras de mogno estocadas. Os homens fugiram no caminhão e os Panará seguiram uns 10 quilômetros até chegar no acampamento. Deteram um dos trabalhadores, Sr. Renato, que os informou que estavam trabalhando a mando do Sr. Fernandão (Fernando Munhoz Garcia, vulgo Fernandão, pública e notoriamente conhecido na região como grileiro). Prenderam duas armas e alguns utensílios, botaram os peões para correr, arrombaram o acampamento, e voltaram para os tratores. Quebraram os dois tratores e seguiram caminho de volta. No dia seis, sexta-feira, chegaram na aldeia de volta.

Nesse mesmo dia, chegou o avião do madeireiro que opera na aldeia Kayapo Kubenkokre, acompanhado pelo Yabuti, chefe do posto na aldeia Kayapo Cachoeira. Os Panará ficaram zangados e não conversaram. Na segunda-feira, dia 9, o administrador de Colider veio à aldeia, após ter passado na fazenda do Fernandão e marcou, a pedido do cacique Panará, Akè, uma conversa com Fernandão. No dia 10, Megaron voltou e seguiu com Akè e o intérprete Tukôkian para a posse do Fernandão. O chefe Akè foi taxativo nessa discussão insistindo que o Fernandão retirasse seus homens imediatamente, e alertando que, se não os retirasse, os Panará os matariam, e ele, Akè, mataria o Fernandão na fazenda dele. O Fernandão propôs um acordo, oferecendo-se a pagar para retirar a madeira já derrubada e para continuar a extração. O Akè rejeitou a proposta e voltou a insistir que a extração parasse. Voltaram em seguida à aldeia.

No sobrevôo que realizamos junto com Tukôkian Panará, constatamos a existência de uma extensa rede de estradas e ramais, de talvez 100 quilômetros de extensão, saindo da posse do Fernandão, atravessando a área Panará, dando no rio Iri e atravessando o rio Ipiranga. Tudo indica que a exploração se alastra pela área Mekragnôti, contigua a área Panará. Trata-se de uma exploração antiga e de larga escala.

Na nossa saída da aldeia, os Panará nos informaram que pretendem fazer uma outra expedição na semana que vem. Vale ressaltar a posição do chefe Akè, que solicitou-nos transmitir ao Sr. Presidente da FUNAI:

Que a FUNAI vem, repetidas vezes prometendo e protelando a demarcação da área Panará, e que até o presente não tomou nenhuma medida no sentido de parar a extração de madeira dentro da área, nem de remover os invasores, embora fosse solicitado repetidas vezes pelos Panará. Que, portanto, se não houver ação imediata por parte da FUNAI, os Panará matarão sejam quais forem os invasores que encontrem na sua terra, sem mais notificações prévias a FUNAI, nem a ninguém, mesmo que isso implique em represálias contra eles e que cause grande mortandade nas duas partes.

Perante esses fatos, sugerimos com urgência as seguintes medidas:

1. Que a FUNAI se encarregue imediatamente de promover uma expedição à área, junto com representantes do IBAMA, visando não só verificar a exploração, aplicar multas, e apreender madeira e máquinas, como também levantar os estragos e danos causados e a quantidade de madeira retirada, com a finalidade de processar o responsável pela destruição ambiental.
2. Que a FUNAI deve, em regime de urgência, tomar as medidas cabíveis para remover os invasores da área, começando pelo grileiro Fernandão.

3. Que a FUNAI recomende ao IBAMA, também com urgência, uma operação geral de fiscalização de retirada ilegal de madeira na região de Guarantã do Norte, uma vez que a produção daquela região se dá de forma irregular, de terras públicas, sejam elas áreas indígenas, terras arrecadadas pelo INCRA, ou terras das Forças Armadas.
4. Que a FUNAI proceda com a demarcação imediata da área indígena Panará, já bastante atrasada. A protelação da demarcação, identificada em 1994, e com duas contestações inconsistentes rechassadas pela FUNAI e o Ministério da Justiça, só tende a agravar o grau de tensão na área, e de tornar cada dia mais prováveis conflitos acirrados.

Av. Higienópolis, 901
01238-001 São Paulo - SP
Brasil
tel: 55 11 825-8844
fax: 55 11 825-7861
internet: socioamb@ax.apc.org

SCLN 210 BLC SALA 112
71626-600 Brasília - DF
Brasil
tel: 55 61 3485114
fax: 55 61 2747688
lsad@ax.apc.org